

# Filosofia da linguagem e ideologia no Círculo de Bakhtin

**Luiz Rosalvo Costa**

Universidade Federal de Sergipe/UFS-Ita

## RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão exploratória sobre o modo como uma determinada abordagem da filosofia da linguagem se relaciona com a questão da ideologia na obra do Círculo de Bakhtin. Levando em conta que o ambiente intelectual em que esse grupo de pesquisadores elabora as bases da sua reflexão se constitui em meio a um intenso fluxo de matrizes teóricas entre as quais o marxismo ocupa um lugar de destaque, esse artigo busca mostrar como, em proposições extraíveis dos trabalhos de Medviédev, Volóchinov e Bakhtin, indagações no âmbito de uma filosofia da linguagem que se propõe marxista articulam-se com um determinado entendimento acerca do fenômeno ideológico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Círculo de Bakhtin. Linguagem. Ideologia. Enunciado. Gênero discursivo.

## ABSTRACT

This article presents an exploratory reflection about how a particular approach of the philosophy of language relates to the question of ideology in the work of the Bakhtin Circle. Taking into account that the intellectual environment in which this group of researchers elaborates the bases of its reflection is constituted in the midst of an intense flow of theoretical matrices between which Marxism occupies a prominent place, this article attempts to show how, in extracts of propositions from the works of Medvedev, Volóchinov and Bakhtin, questions within the framework of a philosophy of language that is Marxist dovetail with a particular understanding of ideological phenomena.

**KEYWORDS:** Bakhtin Circle. Language. Ideology. Utterance. Discursive genre.

Recebido em 22/07/2018  
Aprovado em 30/10/2018

## Introdução

A argumentação aqui apresentada sistematiza uma reflexão sobre a concepção linguística do Círculo de Bakhtin procurando explorar alguns nexos pelos quais nessa concepção a perspectiva da filosofia da linguagem se articula com uma determinada concepção de ideologia em cuja configuração cumprem papel preponderante a *palavra*, o *enunciado concreto* e o *gênero discursivo*.

Antes de seguir em frente, cabe abrir um parêntese para assinalar que o uso da expressão *Círculo de Bakhtin*, empregada aqui para designar o conjunto de estudiosos russos do início do século XX entre os quais se destacam Medviédev, Volóchinov e Bakhtin (particularmente no que se refere ao desenvolvimento de uma concepção de linguagem na qual, conforme aqui se advoga, a questão da ideologia tem grande relevância), não ignora a existência de uma grande controvérsia que envolve desde a autoria de textos atribuídos a Bakhtin até o verdadeiro estatuto deste autor no grupo. Embora haja consenso quanto

à existência do grupo de intelectuais<sup>1</sup> que, em diferentes momentos, participaram, nas cidades de Niével, Vítebsk e Leningrado, de 1918 até o final da década de 1920 (BRANDIST, 2002, p. 6), de reuniões, conferências, seminários, debates e diversas outras atividades filosóficas e culturais, em um regime de troca de ideias, discussões e ajuda mútua que conferia a esse grupo o que Shepherd (2004, p. 20) chamou de “ethos colaborativo”, a ideia de que houvesse um círculo em torno Bakhtin tem sido questionada demais para ser tratada como uma verdade indiscutível. Ilustrando exemplarmente um dos pressupostos da teoria a que ela remete, a expressão *Círculo de Bakhtin* é, ela própria, um campo de disputas e, diante de tudo quanto tem sido produzido no âmbito da referida controvérsia, a atitude mais prudente é assumir, como Brandist (2012), que “na ausência de uma expressão melhor”, pode-se usar a expressão *Círculo de Bakhtin* com a ressalva de que com ela se designa “apenas um ponto no qual diferentes pensadores se intersectavam e não é de modo algum certo que, para qualquer dos participantes, esse fosse o mais importante dos agrupamentos a que pertenciam” (2012, p. 8).

Não sendo, entretanto, objeto do presente texto uma discussão mais detida sobre essa controvérsia, remeto os/as interessados/as a um trabalho anterior (COSTA, 2017), no qual se pode encontrar um relato sumário sobre ela, assim como uma indicação bibliográfica para quem quiser se aprofundar no conhecimento da questão.

Para os propósitos deste artigo, cabe apenas dizer que, no tocante à controvérsia sobre a autoria, a posição assumida ao longo da argumentação aqui desenvolvida é a de tomar como autores das obras do Círculo aqueles sob cujos nomes elas foram originalmente publicadas, considerando, assim, os trabalhos de Volóchinov, Medviédev e Bakhtin realizações de projetos intelectuais pessoais que, não obstante suas especificidades, conjugam-se com preocupações compartilhadas a partir das quais se pode extrair uma concepção de linguagem de fundo comum. Fecho o parêntese.

## 1. Sobre a filosofia da linguagem e o CB

Que a filosofia da linguagem é uma das referências do trabalho do Círculo de Bakhtin durante os anos de 1920 é algo que se evidencia pelo título do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicado por Valentin Volóchinov em 1929. A esse propósito, Sheila Grillo (2017) apresenta (no ensaio introdutório à tradução brasileira que ela, em parceria com Ekaterina V. Américo, fez diretamente do russo) um quadro bastante esclarecedor das discussões e dos autores que, no campo da filosofia da linguagem, compunham o ambiente intelectual no interior do qual se deu a elaboração do livro de Volóchinov e com o qual, direta ou indiretamente, ele dialogava.

Igualmente fundamental para a compreensão do contexto em que o livro foi publicado é o prefácio de Patrick Sériot à tradução de MFL para o francês que ele, também diretamente do russo, fez em parceria com Inna Tylkowski-Ageeva, em edição bilíngue publicada em 2010<sup>2</sup>. Um pouco na contramão da maior parte dos estudiosos, Sériot faz nesse prefácio uma contundente crítica do texto de Volóchinov, desqualificando, entre outras coisas, o estilo de argumentação do autor (considerado antidualógico por Sériot) e várias das posições defendidas no livro, incluindo a sua autodeclarada identidade marxista. Apontando a ausência de categorias e de postulados nucleares do marxismo no raciocínio do autor de MFL, Sériot diz que o “marxismo de Vološinov é uma sociologia interacionista das relações verbais interindividuais” (2015, p. 91) e que a síntese filosófica proposta por ele representa, na verdade,

1. Além de Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), Pavel Nikolaevich Medviédev (1891-1938) e Valentin Nikolaevich Volóchinov (1895-1936), participaram também do grupo, em diferentes momentos, Mariia Veniaminovna Iudina (1899-1970), Matvei Isaevich Kagan (1889-1937), Ivan Ivanovich Kanaev (1893-1984), Lev Vasilievich Pumpianskii (1891-1940), Ivan Ivanovich Sollertinskii (1902-1944) e Konstantin Konstantinovich Vaginov (1899-1934). Cf. Brandist (2002, p. 5-6).

2. O prefácio foi traduzido por Marcos Bagno para o português e publicado sob o título *Vološinov e a filosofia da linguagem*, São Paulo: Editora Parábola, 2015.

uma *leitura materialista do idealismo*. De suas leituras e de suas conversas com os amigos e colegas, ele tenta traduzir em termos “sociológicos” – o que era inteiramente equivalente para ele a “marxistas” – os fundamentos do neokantismo, da filosofia da vida, da fenomenologia, da neofilologia idealista de Vossler e da filosofia de Dilthey (2015, p. 79 – grifo no original).

Quanto ao projeto declarado no título e nas páginas iniciais do livro, Sériot diz que

MFL é menos um tratado de filosofia marxista da linguagem que um ataque frontal contra a linguística saussuriana, apressadamente assimilada ao positivismo por meio da etiqueta do “objetivismo abstrato” (2015, p. 109).

Reconhecendo a impossibilidade de, nos limites deste artigo, fazer frente à complexidade de algumas questões suscitadas pela interpretação de Sériot, a argumentação aqui desenvolvida postula que a imputação feita a Volóchinov de não demonstrar eficientemente sua filiação ao cânone marxista nem usar com proficiência categorias do marxismo ortodoxo, ainda que julgada procedente, não anula o fato de que MFL se constrói em diálogo com o contexto teórico e filosófico do momento, em cujo âmbito circulam diversas tradições intelectuais, entre as quais (em razão do processo de transformação por que passa a Rússia) o marxismo tem papel de relevo.

Assim, considerando a proeminência do marxismo no contexto de intensa transformação política e social da recém-criada URSS nos anos 1920, bem como as alusões e as referências explícitas no próprio texto de MFL, uma das premissas adotadas no presente artigo é a de que entre as muitas vozes refletidas e/ou refratadas no livro de Volóchinov, as vozes marxistas são algumas das mais presentes. Um dos testemunhos mais irrefutáveis disso é justamente a importância assumida no texto pela noção de ideologia, que, como se sabe, tem na tradição marxista a sua fonte de elaboração mais relevante.

Com isso em vista é que aqui se busca explorar, na produção teórica mais conhecida do Círculo de Bakhtin, alguns desdobramentos do diálogo que, em maior ou menor grau, direta ou indiretamente, o trabalho do grupo (sobretudo ao longo e a partir da década de 1920) trava com a tradição marxista. O foco escolhido para isso é a relação que se apresenta, no referido trabalho teórico, entre a filosofia da linguagem e a noção de ideologia, assim como o modo pelo qual nessa relação a centralidade da palavra se desdobra na centralidade do enunciado e do gênero discursivo.

## 2. A ideologia e a centralidade da palavra

Anote-se de início que a visada do fenômeno ideológico na perspectiva da filosofia da linguagem não aparece pela primeira vez no trabalho do CB em 1929, havendo registro dela já no relatório de atividades para o ano acadêmico 1927-1928 que Volóchinov apresenta ao ILIaZV<sup>3</sup>, em Leningrado, onde, nessa época, ele realiza suas pesquisas de doutorado. Entre as atividades elencadas no relatório constam um plano de redação para MFL e algumas de suas ideias diretrizes, cujo primeiro ponto consiste em assinalar a relação fundamental entre a filosofia da linguagem e o tratamento da questão da ideologia:

*A filosofia da linguagem reveste-se hoje de uma importância e uma atualidade excepcional para o marxismo (...) Antes de tudo são os fundamentos mesmos da ciência marxista das ideologias (da criação ideológica) que se encontram nessa situação: fundamentos da teoria da ciência, dos estudos literários, dos estudos da religião, da moral etc. (VOLÓCHINOV, 2010[1928], p. 487 – grifos no original)<sup>4</sup>.*

3. ILIaZV – Instituto de História Comparada de Literaturas e de Línguas do Ocidente e do Oriente, em Leningrado, onde, durante os anos 1920, realizavam-se diversas pesquisas linguísticas e literárias e onde atuaram, além de Medviédov e Volóchinov, intelectuais como Boris Eichenbaum, Boris Tomachevski, Vladimir Shishmarev, Viktor Zhirmunski, Lev Shcerba e Lev Iakubinski. Sobre o ILIaZV e sua importância no cenário intelectual soviético, conferir Brandist (2006 e 2012).

4. “La *philosophie du langage* revêt aujourd’hui pour le marxisme une importance et une actualité exceptionnelles (...) Ce sont avant tout les fondements mêmes de la *science marxiste des idéologies* (de la création idéologique) qui se trouvent dans cette situation: fondements de la théorie de la science, des études littéraires, des études de la religion, de la morale, etc. Il s’agit de tout ce domaine immense qui, dans la vision du monde non marxiste, est couramment appelé ‘la philosophie de la culture’.

Reafirmada praticamente de modo literal nos parágrafos iniciais do livro publicado em 1929, essa relação tem a ver, conforme se depreende da argumentação de Volóchinov, com a necessidade de se definirem as bases marxistas de uma concepção de linguagem que dê conta do fenômeno da ideologia. Um dos desafios a que MFL parece querer responder é o de caracterizar, em termos que se propõem marxistas, a natureza/essência da linguagem.

O nexos pelo qual se dá nesse ponto a articulação com o fenômeno da ideologia é que, para Volóchinov, é da natureza da linguagem ser ideológica, no sentido de que é nos processos de significação (ou seja, nos objetos-signo em geral e no signo linguístico em particular) que a ideologia da sociedade ganha concretude. O que Volóchinov propõe, dessa forma, é uma concepção de linguagem na qual a ligação entre signo e ideologia é indissolúvel:

(...) tudo que é ideológico possui uma significação (...) *Onde não há signo também não há ideologia*  
 (...) O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser iguados. Onde há signo há também ideologia (2017 [1929], p. 92-93 – grifo no original).

Nessa concepção, em que o signo é visto como a materialização da ideologia, a palavra (não a palavra em estado de dicionário, mas a palavra viva, a palavra-enunciado) ganha estatuto de centralidade. Posto que o signo (neste caso, o signo linguístico) é a condição para a qual e na qual a palavra existe, ela, a palavra, “é o elemento ideológico *par excellence*” (p. 98 – grifo no original). Nela se condensa a vida ideológica da sociedade. Em seu material, segundo Volóchinov, “se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação *sígnica*” (p. 99). Por isso, diz ele, “a palavra é o *médium* mais apurado e sensível da comunicação social” (p. 99).

Alçada à condição de princípio organizador da vida ideológica, a palavra assume, dessa forma, o papel de elemento de articulação de todo o fluxo de comunicação da sociedade. O que a caracteriza, segundo Volóchinov, é sua onipresença, pois ela

participa literalmente de toda interação e todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social (2017[1929], p.106).

A palavra se define, portanto, por sua ubiquidade: ela “acompanha e comenta todo ato ideológico” (p. 100) e “está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação” (p. 101). Embora ressaltando que os signos ideológicos específicos (aqueles usados em uma composição musical, um ritual religioso, uma representação pictórica, por exemplo) não são inteiramente substituíveis por palavras, Volóchinov enfatiza que todos eles se apoiam nas palavras e são por elas acompanhados. “Todas as manifestações da criação ideológica”, diz ele, “todos os outros signos não-verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados nem separados dele por completo” (p. 100-101).

Isso vale igualmente para a consciência, pois também aí a palavra joga papel fundamental. É por meio da palavra que a consciência se relaciona com os conteúdos ideológicos de que se alimenta. Essa possibilidade é assegurada principalmente pelo fato de a palavra possuir

uma particularidade extremamente importante que a torna um *medium* predominante da consciência individual. A realidade da palavra, como a de qualquer signo, está localizada entre os indivíduos e é produzida por meio do organismo individual, sem a ajuda de quaisquer instrumentos e nenhum material extracorporal. Isso determinou o fato de que *a palavra se tornou material *sígnico da vida interior: a consciência** (discurso interior). Pois a consciência foi capaz de se desenvolver apenas graças a um material flexível e expresso por meio do corpo. A palavra foi justamente esse material. A palavra pode servir como um signo de uso interior, por assim dizer; ela pode realizar-se como signo sem ser plenamente expressa no exterior. Por isso o problema da consciência individual, tomado como *palavra interior* (e em geral *signo interior*), é uma das questões mais importantes da filosofia da linguagem (p. 100 – grifos no original).

Nessa perspectiva, “a palavra é a base, o esqueleto da vida interior” (p. 121) e, para Volóchinov, a chave que dá acesso simultaneamente ao problema da ideologia e da psicologia é a chave da “filosofia do signo, ou seja, a filosofia da palavra como signo ideológico *par excellence*” (p. 127 – grifos no original).

### 3. Da palavra ao enunciado

Uma importante implicação de todo esse raciocínio é que, na condição de signo, a palavra é compreendida como um território em que o psiquismo individual se encontra com a ideologia (p. 127). A ideologia, por sua vez, vive na medida em que se realiza no psiquismo. Assim, o signo é ao mesmo tempo condição e expressão desse movimento dialético entre a vida interior e o mundo exterior, entre o psiquismo e a ideologia.

O ponto crucial a destacar aqui é que, para Volóchinov, é justamente no enunciado que se dá a síntese entre esses dois mundos.

Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em *cada enunciado*, por mais insignificante que seja. Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da *palavra-enunciado* dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva. Como já sabemos, toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais.

É assim que o psiquismo e a ideologia se interpenetram dialeticamente no processo único e objetivo da comunicação social (2017[1929], p. 140 – grifos meus).

Desse modo, ao propor uma relação de identidade entre palavra e enunciado e, por consequência, estender a este as propriedades daquela, Volóchinov afirma um postulado que, representando um dos pontos-chave da sua reflexão (ou seja, a ideia de que o enunciado concreto é a unidade da comunicação discursiva e da interação verbal), constitui também um dos eixos e um dos fios condutores do trabalho de Medviédev e de Bakhtin.

No caso de Medviédev, essa ideia-chave, explorada principalmente no livro *O método formal nos estudos literários*, publicado em 1928 (e, portanto, antes da publicação de MFL), se elabora nos marcos de uma reflexão que, sintonizada com a agenda do ILIaZV e com as preocupações de Volóchinov, desenvolve uma apreciação crítica do formalismo e uma discussão sobre as especificidades do campo da estética e da literatura, situando essa discussão no âmbito de um esforço para o estudo das ideologias.

Declaradamente inscrita nos enquadres da tradição marxista, a reflexão de Medviédev pressupõe uma concepção do fenômeno ideológico na qual se enfatiza a materialidade da ideologia, sendo essa materialidade justamente a materialidade do signo. Afinado com Volóchinov, portanto, ele postula que a ideologia não se encontra em qualquer instância metafísica, transcendente, ou guardada nas consciências individuais. Sua existência se efetiva na realidade material do signo. Diz ele:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas ‘almas’ das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados *nas palavras*, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de *um signo determinado*. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem (2012 [1928], p. 48-49 – grifos meus).

Para Medviédev, pois, é pelo signo que a vida psíquica interage com o meio ideológico, por cuja mediação se opera o contato da consciência com a realidade. A consciência humana, diz ele,

não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia.

O meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa. Essa consciência é determinada pela existência econômica e, por sua vez, determina a consciência individual de cada membro da coletividade. De fato, a consciência só pode tornar-se uma consciência quando é realizada nessas formas presentes no meio ideológico: na língua, no gesto convencional, na imagem artística, no mito e assim por diante.

O meio ideológico é o meio da consciência. Somente por meio dele e com seu auxílio a consciência humana abre caminho para o conhecimento e para o domínio da existência socioeconômica e natural (p. 56).

Para Medviédev, portanto, o meio ideológico representa o *locus* da vida ideológica da sociedade, sendo expresso por um “círculo denso” que por todos os lados envolve o homem com “objetos-signo” de todos os tipos, “palavras”, “afirmações científicas”, “símbolos e crenças religiosas”, “obras de arte” etc. (p.56).

O meio ideológico constitui, dessa forma, o espaço da comunicação socioideológica e é nele, por consequência, que se dá a produção do elemento central dessa comunicação: o enunciado concreto.

Embora não se preocupe em fazer uma descrição topicalizada do enunciado, ao longo do texto Medviédev fornece uma série de indicações para sua caracterização e deixa clara a sua centralidade no fluxo da comunicação socioideológica.

Para ele, a ideia de que os seres humanos tomam consciência e compreendem a realidade com a ajuda da língua precisa ser complementada. Se é fato, diz ele, que a língua e suas formas possuem papel fundamental no processo de formação da consciência, por outro lado

não é possível dar consciência e compreender a realidade com a ajuda da língua e de suas formas em um sentido estritamente linguístico. São as formas do enunciado, e não da língua, que desempenham o papel essencial na tomada de consciência e na compreensão da realidade. Quando se diz que pensamos com palavras, que no processo de vivência, de visão, de compreensão, existe um fluxo de discurso interior, não se compreende o que isso significa. Pois não pensamos com palavras ou frases, e estas não constituem o fluxo do discurso interior.

Pensamos e compreendemos por meio de conjuntos que formam uma unidade: os enunciados. Já o enunciado, como sabemos, não pode ser compreendido como um todo linguístico, e suas formas não são sintáticas (p. 198).

Essa centralidade do enunciado também vai estar presente em Bakhtin. Embora ele não faça parte do IILaZV e não esteja organicamente vinculado ao programa do instituto, ao longo dos anos 1920 ele comunga com Volóchinov e Medviédev alguns pressupostos com base nos quais se debruça sobre temas de interesse comum e vai ao encontro das reflexões de seus colegas, o que lhe possibilita, especialmente a partir de 1929 (quando, segundo suas próprias palavras, ele está em estreito contato criativo com os outros dois estudiosos)<sup>5</sup>, desenvolver um trabalho que canaliza para uma perspectiva discursiva suas preocupações iniciais sobre subjetividade e alteridade, ética e estética, vida e cultura. Norteadado por uma concepção de linguagem construída em intersecção com as produções de Volóchinov e Medviédev, esse trabalho, ao enfatizar o caráter dialógico (ou seja, intersubjetivo, interacional, relacional e, portanto, social) da palavra, vai preservar como um de seus substratos a ideia de que os significados e sentidos concretizados na palavra-discurso são inerentemente ideológicos, posto que operados pelos contatos, negociações, lutas, tensionamentos e acordos produzidos na relação entre as consciências, forças e vozes em interação no mundo histórico-social.

Dessa forma, conquanto a apropriação da ideologia pela obra de Bakhtin não se dê nos quadros de uma teorização específica sobre a questão, alguns dos conceitos centrais com que ele trabalhará a partir de 1929 são em grande medida resultantes do amadurecimento da reflexão que, desenvolvida sobretudo nos textos de Volóchinov e Medviédev no final da década de 1920, tem como um dos principais focos de interesse justamente o fenômeno ideológico. Daí o tema da ideologia estar, por assim dizer, incorporado ao DNA desses conceitos, a cuja elaboração o trabalho realizado por Bakhtin após 1929 dá continuidade em uma moldagem desenhada pelas especificidades da sua própria reflexão. É o caso, particularmente, dos conceitos de *enunciado* e de *gêneros do discurso*.

Operando com algumas oposições semânticas fundamentais, como dialogismo-monologismo, plurlinguismo-língua única, frase-enunciado, gêneros primários-gêneros secundários, forças centrífugas-forças centrípetas, a produção teórica de Bakhtin a partir de 1929 vai articular os referidos conceitos em uma concepção de linguagem na qual a presença da questão da ideologia se traduz por algumas proposições básicas:

5. Cf. Bocharov, S. & Liapunov, V. (1994).

- A natureza das criações artísticas e intelectuais é eminentemente sociodialógica. Isso significa que a produção e a circulação de conhecimentos, ideias, objetos artísticos, crenças, opiniões, normas morais, referências éticas, estéticas etc. ocorrem no interior de um processo intrinsecamente dialogado, definido pela existência de diversas consciências, vozes e forças sociais por cuja interação e luta se produzem as diferentes maneiras de significar e de atribuir sentidos ao mundo.
- Nesse universo, integrado pelas esferas ideológicas constituídas e pela comunicação da vida cotidiana, a linguagem desempenha papel fundamental. Nela se desenvolvem os inúmeros embates em que as várias forças em atuação na realidade histórico-social disputam a supremacia na semiose do mundo.
- O enunciado concreto, que se produz tanto na comunicação cotidiana (em gêneros do discurso primários) quanto nas esferas ideológicas (em gêneros do discurso secundários) constitui o campo de batalha privilegiado em que essas forças se defrontam na luta pelo sentido.

Tais proposições, elaboradas através de vários textos produzidos por Bakhtin ao longo da vida, vão incorporar, dessa forma, uma compreensão de ideologia na qual o enunciado é um dos elementos nucleares. Em linhas gerais, essa compreensão, que articula aspectos da reflexão de Bakhtin com as de Medviédev e Volóchinov, propõe o entendimento de que a ideologia da sociedade se constitui por significados e sentidos materializados em *enunciados* concretos produzidos nas diferentes *esferas* ideológicas e na comunicação da vida cotidiana. Nesses significados e sentidos se refletem e se refratam (sob a ação de diversas mediações, entre as quais as dos *gêneros* discursivos) as determinações que emanam das forças em contradição e luta no fluxo de interação *dialógica* e *responsiva* da sociedade.

#### 4. Do enunciado ao gênero

É nos marcos dessa compreensão que também vai ter grande relevância a ideia de *gênero discursivo*. A esse respeito, é importante assinalar que embora se trate de um conceito normalmente associado ao trabalho desenvolvido por Bakhtin após 1930, várias referências e formulações apontando para a sua importância já se encontram presentes nas elaborações do Círculo na década de 1920. Souza (2003), aliás, chamou atenção para o fato de que a tradução brasileira de *Marxismo e filosofia da linguagem* realizada a partir da tradução francesa de 1977 praticamente suprimiu as referências à ideia de gênero (salvaguardadas em outras traduções), contribuindo para que se consolidasse entre os comentaristas uma tendência a associar o conceito à produção posterior de Bakhtin e especialmente ao texto *Os gêneros do discurso* (1952-53). Resgatando a presença do termo em outras traduções de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), Souza (2003) reivindica, então, que esse texto seja considerado um dos principais momentos na construção do conceito de *gênero* pelo Círculo.

A nova tradução brasileira de *Marxismo e filosofia da linguagem*, feita diretamente do russo e publicada em 2017, corrobora as considerações de Souza, na medida em que mostra mais claramente, já nesse texto de 1929, a preocupação do Círculo com a necessidade de “abordar o problema dos gêneros discursivos”, atentar para “as formas discursivas da comunicação ideológica” e para o repertório de “cada grupo de formas homogêneas, ou seja, cada gênero discursivo cotidiano”, assim como o interesse por uma “classificação das formas do enunciado” (p. 108).

Vale registrar também que, até recentemente, a inexistência da tradução de textos fundamentais, como *O método formal nos estudos literários* (1928), aliada à mitificação de Bakhtin referida por Brandist (2006b, p. 144), contribuiu para que processo semelhante ocorresse com o trabalho de Medviédev, cuja importância para a construção de conceitos centrais do Círculo é muitas vezes negligenciada. Daí não se observar grande ênfase, por exemplo, no fato de, já em 1928, ele estabelecer nitidamente certos postula-

dos basilares da obra, como o da relação intrínseca entre signo e ideologia. Também não é costumeiro se assinalar que caracterizações do *enunciado* (como, por exemplo, o caráter dialógico e responsivo e o fato de se produzir em determinados gêneros e esferas) exploradas por Bakhtin depois dos anos 1950 já se encontram apontadas por Medviédev em 1928. Da mesma forma, no que diz respeito à questão do *gênero*, não se costuma dar o devido relevo ao fato de Medviédev dedicar a maior parte de um dos capítulos de *O método formal nos estudos literários* (1928) à sua discussão. É aí que, em observações a princípio aplicáveis à literatura mas extensíveis à criação ideológica em geral, Medviédev vai dizer, entre outras coisas, que

se abordarmos o gênero do ponto de vista da sua relação interna e temática com a realidade e sua formação, então, podemos dizer que cada gênero possui seus próprios meios de visão e de compreensão da realidade (...) Cada um dos gêneros efetivamente essenciais é um complexo sistema de meios e métodos de domínio consciente e de acabamento da realidade (p. 198).

Mas é de fato no trabalho de Bakhtin que a preocupação com esse elemento fundamental da vida discursiva ganhará mais visibilidade e um maior acabamento. E em que pese a questão ser abordada em mais de um dos seus textos (como, por exemplo, *O discurso no romance* (1934-35)), é em *Os gêneros do discurso* (1951-52) que o conceito receberá um tratamento mais sistemático.

Cabe também dizer que, embora a questão da filosofia da linguagem, bem como o termo *ideologia* e seus correlatos não tenham nesse trabalho a mesma presença observada em outros textos do Círculo, o entendimento aí exposto a respeito dos conceitos de *gênero* e de *enunciado*, conectando-se diretamente com as proposições de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929) e *O discurso no romance* (1934-35), pressupõe claramente, ainda que sob uma perspectiva ligeiramente reformulada, a mesma compreensão do fenômeno ideológico, ou seja, como um universo constituído por visões de mundo, crenças, valores, normas, conhecimentos, saberes etc. materializados em enunciados concretos pelos quais e nos quais se manifestam diferentes forças, vozes e posições em interação dialógica na sociedade.

Mesmo não se inscrevendo no campo de uma reflexão sobre a questão ideológica, o texto não deixa de apresentar vínculos com as reflexões sobre a filosofia da linguagem empreendidas pelo grupo na década de 1920, ao afirmar, logo no início, que a relação entre gêneros primários e secundários, assim como o processo de formação histórica desses últimos, além de esclarecer a natureza do enunciado, lança luz também “sobre o complexo problema da relação entre linguagem e ideologia” (BAKHTIN, 2010 [1952-1953], p. 264). Reitera o postulado desse entrelaçamento a conhecida e muito citada afirmação de que “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (p. 268).

A adoção de um enfoque menos sociologizado que aquele verificado em *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929) e *O discurso no romance* (1934-35), se, por um lado, revela um certo esforço no sentido de reformular aspectos da reflexão desenvolvida pelo Círculo, situando-a agora em um registro mais discursivo e menos ideológico ou sociológico, por outro lado, não esconde que, a despeito das reformulações, certos postulados básicos do trabalho do grupo por volta dos anos 1930 são mantidos na reflexão de Bakhtin, ainda que não apresentem a mesma visibilidade de antes.

Com implicações diretas na questão da ideologia, o mais importante desses postulados é a ideia de que a produção e a circulação de valores, pensamentos, opiniões, conhecimentos, saberes etc. são presididas pelo dialogismo que caracteriza, nas várias esferas da atividade humana, todos os processos sociais em que intervém a linguagem.

Nesses processos, o *gênero do discurso* opera como uma mediação pela qual os indivíduos são discursivamente socializados, ou seja, como um elemento de construção de sujeitos socialmente capazes de enunciar e compreender enunciados e, portanto, de participar da comunicação socioideológica. Por intermédio do gênero, cuja presença é um dado fundamental em todas as esferas da comunicação social, o movimento de constituição do indivíduo como sujeito discursivo (e, por extensão, como sujeito que formula ideias, pensamentos, valores e demais elementos da consciência que se estruturam pela linguagem) se constrói em estreita articulação com as determinações e os condicionamentos da realidade histórico-social.

O gênero é, então, um elemento que combina liberdade com coerção. Para se exprimir e integrar um processo de comunicação, o querer-dizer do sujeito tem necessariamente de ganhar forma em um enunciado produzido em conformidade com um determinado gênero, pois os gêneros do discurso

são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto as formas da língua. Os gêneros do discurso, comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele mas dados a ele. Por isso um enunciado singular, a despeito de toda a sua individualidade e do caráter criativo, de forma alguma pode ser considerado *uma combinação absolutamente livre* de formas da língua... (BAKHTIN, 2010 [1952-53], p. 285 – grifos no original).

Dessa maneira, a formação do indivíduo como sujeito discursivo se dá pelo encontro da sua vontade enunciativa com as coerções sociais que se expressam nos gêneros discursivos. Qualquer enunciado produzido por ele é construído no quadro dessa dialética entre a sua vontade e os padrões temáticos, composicionais e estilísticos que já se encontram prontos e no domínio dos quais ele começa a se capacitar tão logo comece a participar do jogo discursivo da vida social, inserindo-se, assim, no fluxo dialógico da realidade. É com os gêneros do discurso, diz Bakhtin, que o indivíduo aprende a falar, mesmo sem ter consciência disso. Intuitiva e inconscientemente ele aprende a manusear esses gêneros no interior do mesmo processo em que adquire a língua materna.

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo* (...) Esses gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática (BAKHTIN, 2010[1952-53], p. 282 – grifos no original).

Assim sendo, a estrutura discursiva da nossa consciência (e, portanto, também a dos nossos pensamentos, ideias, valores, concepções etc.) é moldada pelas formas típicas dos enunciados, ou seja, os gêneros do discurso.

As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, dos gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas (...)) Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero... (BAKHTIN, 2010 [1952-53], p. 283).

Aprendendo a falar socialmente pelo manuseio dos gêneros, o indivíduo se insere no grande diálogo social, produzindo enunciados que funcionam como elos na cadeia discursiva da sociedade e se organizam em resposta a enunciados anteriores e posteriores. Daí o enunciado se constituir em interação com as palavras e os enunciados alheios.

Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (BAKHTIN, 2010[1952-53], p. 294).

Dessa forma, nossa maneira de apreender discursivamente o mundo e, portanto, de compreendê-lo e significá-lo é imanentemente dialógica, ou seja, produzida no interior de um fluxo interdiscursivo sob cujas determinações nosso pensamento, construído nos contatos, concordâncias e divergências com o pensamento de outrem, se materializa em enunciados concretos.

Desse modo, o tratamento dado aos conceitos de gênero e de enunciado constitui uma das formas pelas quais se mantém na reflexão de Bakhtin o tema da ideologia, que permanece correspondendo ao universo no qual as diferentes vozes, posições e forças presentes na vida social se encontram, confrontam e lutam na produção de significados e de sentidos.

Nessa perspectiva, o gênero discursivo é uma das maneiras pelas quais as ideias, pensamentos, valores, padrões, referências (espaciais, temporais, éticas, estéticas, cognitivas etc.) do indivíduo se articulam com o pensamento social e, portanto, com a ideologia da sociedade.

## Considerações finais

O que a argumentação brevemente desenvolvida aqui tentou mostrar é que a reflexão linguístico-discursiva desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin durante os anos 1920 (por meio do trabalho realizado por Volóchinov, Medviédev e Bakhtin) e ao longo das décadas subsequentes (pelo trabalho levado adiante por Bakhtin) tem como um dos seus pontos de partida uma preocupação que, colocando-se no campo da filosofia da linguagem, indaga sobre a natureza do linguístico e da sua relação com o ideológico.

É nos marcos dessa reflexão que Volóchinov e Medviédev, afinados com o programa de pesquisas do ILLaZV, propõem-se empreender, durante os anos 1920, um trabalho cujo objetivo precípua é contribuir para a constituição de uma ciência das ideologias, destinada ao estudo das particularidades de cada um dos campos ou esferas ideológicas.

No final da década (por volta de 1928-29), os estudos de Volóchinov e Medviédev convergem para uma concepção de linguagem organizada em torno da ideia de signo ideológico. Nessa concepção, a ideologia é pensada como um universo constituído por diferentes e interligados modos de significar e dar sentidos ao mundo. Cada uma das esferas ideológicas (a moral, a ciência, a arte, a religião etc.) é entendida, assim, como uma maneira específica pela qual o mundo é significado. Cada uma delas é povoada por objetos-signo os mais diversos, dos quais a palavra é o espécime exemplar. Daí o enunciado concreto, cuja matéria-prima é a palavra, ser o centro da vida socioideológica.

O modo como os trabalhos de Bakhtin participa dessa apropriação do fenômeno ideológico perfaz um trajeto específico. Praticamente ausentes dos seus trabalhos iniciais, a palavra ideologia e seus correlatos começam a frequentar assiduamente seus textos a partir de 1929, momento no qual sua produção se orienta por um núcleo comum compartilhado com Volóchinov e Medviédev, seguindo depois um percurso próprio em que a esse núcleo comum são agregados novos desenvolvimentos. No entanto, mesmo seguindo um caminho específico, permanece em Bakhtin a ideia de que o enunciado concreto e a palavra, inerentemente dialógicos e responsivos, são territórios privilegiados de manifestação da ideologia, uma vez que neles se cruzam, se encontram e se confrontam diferentes posições ideológicas na sociedade.

Nesse sentido, a concepção de linguagem de Bakhtin (assim como o conceito de ideologia a ela subjacente) é indissociável do núcleo de elaborações teóricas do Círculo, cujas raízes remontam ao contexto da Rússia nas primeiras décadas do século XX, quando as bases da produção teórica dos três autores estão se constituindo em um ambiente intelectual habitado por diversas matrizes teóricas e orientações epistemológicas, entre as quais a filosofia da linguagem é uma das mais relevantes.

## Referências

- BACHTIN, M. Problemi dell'opera di Dostoevskij [1929]. Trad. di Margherita De Michiel. Bari: Edizioni dal Sud, 1997.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso [1952-1953]. In: Estética da criação verbal. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 261-306.
- \_\_\_\_\_. Problemas da poética de Dostoiévski [1963]. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- \_\_\_\_\_. O discurso no romance [1934-1935]. In: Questões de literatura e de estética. A teoria do romance. Tradução do russo de Aurora Fornoni Bernardini e outros. 5. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002, p. 71-210.

BOCHAROV, S & LIAPUNOV, V. Conversations with Bakhtin. In: PMLA, vol. 109, n. 5 (Oct., 1994), pp. 1009-1024. Published by Modern Language Association. Stable. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/462968>> . Acesso em 30/05/2011.

BRANDIST, C. The Bakhtin Circle. Philosophy, Culture and Politics. London: Pluto Press, 2002.

\_\_\_\_\_. Mikhail Bakhtin e os primórdios da sociolinguística soviética. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs.). Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006, p. 67-88.

\_\_\_\_\_. Early Soviet Research Projects and the Development of 'Bakhtinian' Ideas: The View from the Archives. In: Proceedings of the XI1 International Bakhtin Conference. Jyväskylä, Finland, 18-22 July, 2005, p. 144-156. Edited by Department of Languages, University of Jyväskylä, Finland, 2006b. Disponível em: <<http://eprints.whiterose.ac.uk/2134/1/brandistc4.pdf>>. Acesso em: 16 de julho de 2010.

\_\_\_\_\_. Repensando o Círculo de Bakhtin. Tradução de Helenice Gouvea e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Contexto, 2012.

BRANDIST, C; SHEPHERD, D; TIHANOV, G. The Bakhtin Circle. In the master's absence. Manchester/UK: Manchester University Press, 2004.

COSTA, L. R. A questão da ideologia no Círculo de Bakhtin e os embates no discurso de divulgação científica da revista Ciência Hoje. São Paulo: Fapesp/Ateliê, 2017.

GRILLO, S. V. C. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. In: VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]. Tradução do russo de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017, pp. 7-79.

MEDVEDEV, P. O método formal nos estudos literários – Introdução crítica a uma poética sociológica. [1928] Tradução de Ekaterina V. Américo e Sheila C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

SÉRIOT, P. Voloshinov e a filosofia da linguagem. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2015.

SHEPHERD, D. Re-introducing the Bakhtin Circle. In : BRANDIST, C; SHEPHERD, D; TIHANOV, G. The Bakhtin Circle. In the master's absence. Manchester/UK: Manchester University Press, 2004, p. 1-21.

SOUZA, G. T. Gêneros discursivos em Marxismo e filosofia da linguagem. In: SOUZA-E-SILVA, C.; BRAIT, B. (Dir.). The Specialist, São Paulo, v. 24, n. especial, 2003, p. 185-202.

VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]. Tradução do russo de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

\_\_\_\_\_. Rapport d'activité à l'Institute de Recherches de l'Université pour l'année 1925-1926 [1925-26]. In: VOLOŠINOV, V. N. Marxisme et philosophie du langage. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Éd. bilingue. Traduit du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowsky-Ageeva. Lausanne: Lambert-Lucas, 2010, p. 471-475.

WILLIAMS, R. Marxismo e literatura. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In : Cultura e materialismo. São Paulo : Editora da Unesp, 2011, p. 43-68.

\_\_\_\_\_. Meios de comunicação como meios de produção. In : Cultura e materialismo. São Paulo : Editora da Unesp, 2011a, p. 68-86.